Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

MISOGINIA: A MULHER FAL(H)ADA DO HOMEM

Manuela Borghi Crissiuma – mcrissiuma@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, proponho articular uma via de leitura possível a partir da psicanálise lacaniana para o que abordo como sendo a lógica da misoginia. Investigo, no texto, o que é dito sobre as mulheres diferenciando a pressuposição do que é o Ser delas e o que é falado sobre elas. Exploro como o homem e a mulher em Lacan podem ser pensados através do conceito da "relação sexual não existe", sendo esse um impasse necessário para a desproporção e não simetria entre sujeito e objeto. Defendo que a lógica misógina se desdobra em essencializações sobre as mulheres que tanto a idealizam como a degradam, sendo os dois movimentos parte de uma mesma face moebiana, assim como a noção da paixão do amor e do ódio em Lacan.

Palavras-chave: misoginia; discurso; mulher; ódio; a relação sexual não existe.

São Paulo

2023

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

MISOGYNY: THE SPOKEN (WO)MAN OF MAN.

Manuela Borghi Crissiuma – mcrissiuma@gmail.com

Abstract: In this paper, I propose to articulate a possible reading path from Lacanian psychoanalysis for what I address as the logic of misogyny. In the text, I investigate what is said about women, differentiating the presupposition of what their Being is and what is spoken about them. I explore how man and woman in Lacan can be thought through the concept of the concept of "there is no sexual relation," which is a necessary impasse for the disproportion and non-symmetry between subject and object. I argue that misogynistic logic unfolds into essentializations about women that both idealize and degrade them, with both movements being part of the same Möbius strip, as well as the notion of the passion of love and hatred in Lacan.

Keywords: misoginy; discourse; woman; hatred; there is no sexual relation.

São Paulo

2023

Misoginia - a mulher fal(h)ada do Homem

> Eu me sentiria bastante inclinado a acreditar que, contrariamente ao que choca a muitas pessoas, são as mulheres que inventaram a linguagem. Aliás o Gênese dá a entender isso. Com a serpente, elas falam- quer dizer, com o falo. Falam ainda muito mais com o falo na medida em que para elas, este é hetero. (LACAN, Genebra, p. 20)

Misoginia. Oriunda da união entre os termos gregos "miseo" e "gyne", cujos significados são respectivamente ódio e mulheres, a palavra misoginia é usada para definir sentimentos de aversão, repulsa ou desprezo pelas mulheres e valores femininos. A misoginia é um discurso presentificado em atos de violências brutais contra mulheres e que tem efeitos no psiquismo destas.

O tema da misoginia passa a ser um tema para mim, pois há uma aposta de que a psicanálise tem a possibilidade de ser uma via de tratamento para isso.

Assim vou propor uma via que interrogue o que se "escreve" e quais são os ditos sobre as mulheres. Sendo a seguinte direção: o que se fala do ser da mulher e não o que é a mulher. Demarcar essa diferença é ser fiel ao que Lacan diz no início do seminário 20 de que não há realidade pré- discursiva. O que se diz sobre o *ser* que ela é, significa delimitar quais são os enunciados e dizeres sobre e a respeito delas, se inscrevendo como ditos que as habitam. Será uma abordagem sobre características, imagens e símbolos das mulheres que se impõe como uma generalização que tomam o imaginário construindo uma leitura redutora que Ana Maria Fernández (1994), autora argentina, chama de Mesmidade. O que se fala/se diz do *ser* da mulher é mais próximo do conceito de falasser, conceito essencial para a psicanálise lacaniana. O falasser lacaniano implica em uma inversão: não é o ser que vem primeiro da fala, mas só é possível saber do ser através da fala. Assim, segundo Cassin: "O discurso faz ser, e é por isso que o seu sentido só pode ser apreendido *a posteriori* em vista do mundo que ele produziu" (CASSIN, 2017, p. 66). É através desse fio que poderemos constatar a misoginia perpetrada e legitimada nos discursos.

Percorrendo alguns estudos, lendo algumas matérias e examinando alguns materiais pude perceber que as situações de violência que as mulheres são vítimas, perpassa uma situação recorrente, como situações de traição e término de relacionamento. Como isso poderia ter como consequência a morte de mulheres?

Dos impasses clínicos aos casos mais extremos me pareceu pertinente me dedicar a algumas perguntas, tais como: qual é a função desse ódio? Ele é efeito de algo, o que? Como isso foi construído? Ele é intrínseco aos homens? Ele é pura sede de poder e dominação? Ele é resultado de uma sociedade machista e patriarcal? Ele responde ao fato de mulheres serem mulheres biologica(mente) ou responde aquilo que se supõe sobre as mulheres?

Alguns consensos, especialmente na psicanálise, podem produzir objetificações complicadas e induzir leituras precipitadas, muitas vezes simplistas de temas complexos. Quando adentramos em um campo como a psicanálise que utiliza tantos conceitos, me parece interessante instalar perguntas no que supostamente é óbvio. Além disso, fazemos parte de um momento histórico onde o ódio virou o fetiche e a própria mercadoria nas redes sociais, isso nos torna ainda mais responsáveis por buscarmos sentidos que descolam de pensamentos hegemônicos a respeito de um tema. Acredito que as máximas lacanianas devem ser intrigantes e instigantes, para que algo de uma articulação do sujeito com um saber se torne possível, tal qual o enigma da esfinge para Édipo. Há algo na transmissão do Lacan que possibilita a implicação do não saber como causa. No seminário 1, ele já dizia:

> Porque já somos suficientemente uma civilização do ódio. O caminho da corrida para a destruição não está verdadeiramente traçado entre nós? O ódio se reveste no nosso discurso comum de muitos pretextos, encontra **racionalizações extraordinariamente fáceis**. Talvez seja esse estado de floculação difusa do ódio que satura em nós o apelo à destruição do ser. Como se a **objetivação do ser humano** na nossa civilização correspondesse exatamente ao que, na estrutura do ego, é o pólo do ódio (LACAN, 1996, p. 316, **grifo meu**)

Se pretendo abordar o ódio, essa colocação de Lacan não pode me ser indiferente, por isso a tentativa de abrir o texto dessa pesquisa com tais colocações.

Vou levantar algumas hipóteses no texto sobre a misoginia que tentarei desviar tanto daquilo que Lacan menciona como sendo uma "racionalização extraordinariamente fácil quanto como o que ele chamou de "objetivação do ser humano em nossa civilização" (LACAN, 1996, p. 316) .

Entendo que o objetivo da pesquisa no Vox não se dá pelo testemunho daquilo que está correto, certo e/ou acabado, mas que surge através de uma boa pergunta, de um enigma que promova uma busca e a formulação de hipóteses. Hipótese essa que possa ser vista e revista, seja diante das épocas, seja diante do caso a caso, seja a partir de outras articulações. Não à toa a dicotomia e a separação entre sujeito do saber e objeto de pesquisa talvez não se sustente nessa proposta, afinal como Lacan mesmo propõe "dizer que há um sujeito não é nada mais do

que dizer que há hipótese" (LACAN, 2010, p. 271). Por isso não se trata de ter achado a leitura que é a formulação cabal e fechada do que vem a ser a misoginia, mas sim de tentar formular uma hipótese que possa ser *uma via* de leitura. Compartilho do que propõe Cixous (2022) em seu livro "O riso da medusa", a escrita é uma convocação para que algo que ecoa de outras vozes e ao longo do tempo, de textos de autoras e autores e, diria também de meus analisantes, se faça presente na escrita, a fim de ser mais do que eu mesma.

O termo misoginia já foi descrito por Freud em alguns textos, como acompanharemos em seguida. Ele diz que a castração do homem teria como uma possível consequência a misoginia, como aborda no texto: Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (2021), a degradação da mulher e o desprezo e asco pelo seu genital. Ou como ele aborda em outro texto: O tabu da virgindade (FREUD, 2013) uma das facetas da mulher para os homens é de que ela é inteira tabu. A mulher é aquela tida como castrada, como tendo transgredido algo e assim castigada, ela é a versão daquilo que lembra o homem que é possível não ter. Em algum momento então, o encontro com uma mulher passa a ser um disparador de angústia para o homem, já que ela pertence ao conjunto dos que perderam o que tinham. Seria pertinente nos perguntamos, seria a misoginia uma defesa ante a angústia de castração do menino?

A autora, antropóloga e feminista Gayle Rubin (2017) diz em seu texto "Tráfico das mulheres", que apesar de Freud não parecer perceber as implicações do que diz e nem tampouco "a crítica implícita que sua obra pode motivar quando submetida ao olhar feminista"; seus textos "fornecem instrumentos conceituais com os quais se podem elaborar descrições da área da vida social que é o lócus da opressão das mulheres, das minorias sexuais, e de certos aspectos da personalidade humana nos indivíduos" (RUBIN, 2017, p. 10).

Convoco Rubin aqui, pois acredito que a hipótese com que trabalho na leitura de algumas citações de Freud nesse texto é de que há um dizer atrás de um dito, e que é nossa função poder ler isso, ao invés de descartar preciosidades em relação a construções que funcionam como hipóteses na subjetivação do menino e da menina naquela época.

Minha leitura é que Lacan em sua re-leitura de Freud propõe uma aproximação com a escrita desta obra a partir dos pontos de impasses e acompanhar como Freud não deixava de avançar em articulações e desdobramentos novos para sua teoria. O encontro de Freud com alguns paradoxos e impasses na elaboração de uma nova teoria que contava também com a sua experiência e prática clínica faziam-no avançar em sua investigação e não recuar diante dela, seria então isso o testemunho daquilo que Lacan chama de desejo de analista? A insistência em não ceder diante dos enigmas e mistérios que se faziam presente em sua clínica, faziam de Freud

um incansável psicanalista. Assim, Lacan visa também fazer-nos acompanhar nas linhas de Freud, os desdobramentos de um desejo incansável em articular a relação entre saber e verdade. Compartilho da direção de leitura proposta por Dias "o que se indica como leitura se refere ao saber textual (...) sinônima de impasse/divisão/elaboração(...) Da leitura aos traços (DIAS, 2012, p. 73).

O enigma sexual de Freud

Sabemos que Freud articula que as crianças possuem um desejo de saber direcionado àquilo que para elas costuma ser um enigma: a vida sexual. O menino, segundo ele, em uma determinada idade se sente dominado por um interesse pelo seu próprio genital, considerando-o uma parte muito valiosa e importante. Tão valiosa e importante, justamente porque começa também a perceber que isso poderia faltar em outras pessoas que ele se sente próximo. Nesse momento, o menino ainda não consegue intuir, cito Freud (2021) "que existe um outro tipo de formação genital, do mesmo valor" (FREUD, 2021, p. 110). Aí se inicia um pré-conceito sobre o que seria as meninas para os meninos e mesmo quando há a percepção dos genitais nas meninas, mesmo assim ele "não se encontra em condições de se implicar com o conteúdo dessa percepção (FREUD, 2021, p. 110, **grifo meu)**". Ele continua obstinado em acreditar que a mulher possui um pênis. Freud diz "que o membro pudesse faltar lhe era uma representação **estranha *(Unheimlich)*, insuportável"** (FREUD, 2021, p. 110, **grifo meu**).

O menino, então, faz uma hipótese sobre a menina: ela não tem o membro; o pênis existiria também nas meninas, mas ele ainda não havia crescido. Outra hipótese do menino seria: as meninas possuíam um pênis também, mas ele havia sido cortado e o órgão genital delas, na verdade, seria uma ferida. Tais hipóteses vão sendo articuladas pelo menino a partir de mitos, histórias e ditos que ele vai escutando. Freud diz que faz parte da educação dos meninos eles escutarem a ameaça de que seu pênis será arrancado caso ele expresse de forma contínua um interesse em tocá-lo.

É a partir dessa ameaça, então, que o menino supõe que as meninas têm um objeto perdido e o que os meninos têm de mais valioso e importante pode ser arrancado e cortado, eles temem ser castrados como as meninas. O que elas fizeram para que fossem vítimas dessa cruel punição? Elas foram aquelas com as quais lhe cortaram o que tinham, assim como um dia ele havia sido ameaçado? Certamente foram punidas por algo que fizeram ou disseram. É sob a influência da ameaça de perder seu precioso órgão que o menino passa então a interpretar o genital da menina dessa forma. Ou seja, podemos dizer que após a ameaça de corte, ele

retroativamente fez uma interpretação de algo que para as meninas (esse outro para ele) havia sido perdido. Segundo Freud "sob a influência dessa **ameaça de castração**, ele modifica sua interpretação[1] do genital feminino; passa a **temer por sua masculinidade[2]**, mas desdenha das infelizes criaturas, nas quais, segundo pensava, a cruel punição já havia se completado" (FREUD, 2021, p. 111, **grifo meu**)[3]. Mas o que Freud estaria chamando de temer sua masculinidade aqui? Porque há tanto temor ao ser ameaçado de perder seu membro, isso corresponde a perda de uma suposta masculinidade? Será que poderíamos inferir que tal temor fará com que os meninos, e mais tarde os homens, ao se sentirem ameaçados por alguém que teria o poder de lhe tirar algo, despertaria neles a ideia de que eles poderiam ficar "como as mulheres que foram castigadas"?

Freud diz também nessa passagem que o menino é inundado de uma grande nostalgia, porque a princípio, ele acreditava que o genital da mãe incluía um pênis. Assim, a posteriori, quando ele passa a construir esse saber e constatar que a mulher não possui pênis e sim possui uma vagina, tal nostalgia passa então a se transformar, frequentemente, em asco, chegando então a poder se tornar, nos anos de puberdade, **"a causa da impotência psíquica e da misoginia"** (FREUD, 2021, p. 111, **grifo meu**).

Se está ali a causa da misoginia, seria pertinente nos envolvermos um pouco mais com essa afirmação. O que quero destacar dessa abordagem de Freud não é que o órgão anatômico seja indiferente a ele nem que sua leitura seja exclusivamente anatômica, mas pretendo seguir um caminho que parece mais interessante no que diz respeito aos desdobramentos da questão da misoginia e de sua articulação. O que me parece central é entender qual é a lógica envolvida no pensamento do menino nesse momento do complexo de castração, descrito por Freud. Desdobrando a lógica para analisarmos como "isso pensa" em nós (apesar de suas especificidades a lógica misógina pensa em homens e mulheres). Segundo Cassin a leitura seria de "alguns efeitos da diferença dos discursos. Não mais: a anatomia é o destino, mas: diga-me como você fala (CASSIN, 2017, p. 200)".

Segundo Fernández fica claro como nessa investigação sobre a diferença sexual, o menino se constitui a partir de condições de possibilidade específicas - e não outras - sempre a

[1] Na tradução da versão da cia das Letras, esse termo foi traduzido como *concepção (FREUD, 2013, p. 161).*
[2] Em outras traduções, como a da cia das Letras, esse termo foi traduzido também como *virilidade (FREUD, 2013, p. 161).*
[3] Esse texto que é de 1910 tem um acréscimo de Freud em 1919, justamente ao final dessa frase. Ele faz uma relação entre "uma raiz do ódio aos judeus introduzida de maneira tão elementar e com gestos tão irracionais entre os povos ocidentais" (2021, p. 111). Ela aproxima a circuncisão da representação inconsciente da castração. Apesar de não os judeus não ser o tema de meu texto, o ódio é e me parece uma aproximação interessante para outros momentos desta pesquisa.

partir do que ela chama "a priori do mesmo" (FERNÁNDEZ, 1994), que poderia ser traduzido pela seguinte premissa: se eu tenho um pinto, todos o têm. O referencial é o órgão que o distingue como tendo algo. Lacan diz *"A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu (LACAN, 1995, p.38)".* Ou seja, é na medida que existe uma lei que recorta "órgão genital masculino" como sendo o que deveria estar ali, que algo se ausenta e que quando não existe o que deveria existir ali, um objeto falta no lugar. Mas é só na medida que se determina o que há e o que não há. É porque se destaca o pênis que ele pode identificar a ausência pênis.

Ela classifica tais momentos como "as condições de possibilidade de um conhecimento sobre o humano" (FERNÁNDEZ, 1994, p. 35). Ela cita algumas categorias que entrariam nesse modo de fazer as investigações, a primeira seria: enfatizar identidades e não diferenças. Como resultado destas investigações elas acabam por se basear em um princípio de ordenamento que envolve: 1) a exclusão, 2) a segregação e a 3) hierarquização inferiorizante da alteridade, do outro, do diferente. Vejamos como essas três categorias estão relacionadas com a descrição feita por Freud nos ordenamentos acima:

1) Exclusão: "Como o menino ainda não pode intuir que existe um outro tipo de formação do genital, *do mesmo valor*, ele pode formular que todas as pessoas, incluindo as mulheres, possuem um tal membro, como ele" (FREUD, 2021, p. 110). Há a exclusão de outro órgão genital.
2) Segregação: "Sob influência dessa ameaça de castração, ele modifica sua interpretação do genital feminino e, a partir daí, temerá por sua masculinidade, mas desdenha das infelizes criaturas. Nas quais, segundo pensava, a cruel punição já havia se completado" (FREUD, 2021, p. 111). Há uma segregação ao desdenhar as criaturas que foram punidas por fazerem algo errado.
3) Hierarquização inferiorizante da alteridade: "Que o membro pudesse faltar lhe era uma representação estranha (Unheimlich), insuportável, ele procura então uma decisão intermediária: o membro existiria também nas meninas, mas ele seria ainda muito pequeno, depois, cresceria" (FREUD, 2021, p. 110). Aqui a ênfase está em quem tem o órgão maior e o menor, a inferiorização está no tamanho.

Assim, ao elevar o Mesmo, ou a identidade como condição absoluta, perde-se o jogo dialético entre identidade e diferença. Quando o mesmo e a identidade se cristalizam na figura

e o outro se torna fundo, eles não alcançam sua reversibilidade. Assim ela diz "O mesmo, por não poder nunca ser pensado como o outro, se transformou no único (FERNÁNDEZ, 1994, p. 35)", ou seja, dentro desse sistema de pensamento mede-se o valor de uma mulher pelo padrão de Um, de uma identidade, o parâmetro de medida é o homem (branco, cis, hetero?) e o masculino. Segundo a autora Rita Segato (2013) "o homem com letra minúscula, um entre muitos, do mundo comunal, transforma-se no Homem com H maiúsculo do humanismo moderno e passa a encarnar, a incluir, a sequestrar quaisquer discursos e ações que se pretendem políticos; passa a ICONIZAR, com seu corpo, todo o universo da politização" (SEGATO, 2013, p. 23). Segundo ela, é aí quando nos deparamos com a invenção das minorias.

Para legitimar tais lógicas existem também três suportes narrativos: **o naturalismo, o biologicismo e o essencialismo.** Segundo Fernández, esses são conjuntos de falácias que discursivamente legitimam, ainda hoje, as desigualdades sociais dos gêneros. Será importante nos atermos a isso, pois todos os discursos que chamamos hoje em dia de *masculinistas*[4], usam desses suportes narrativos para manter a lógica hegemônica que eles encaram como ameaçada pelas mulheres.

Fiquemos atentos a considerar que os processos de desigualdade-discriminação e violência não são invisíveis, mas são na verdade *invisibilizados*. Vamos tentar acompanhar como os aspectos daquilo que alguns autores chamam de "subordinação de gênero" -tais como discriminações, exclusões, desqualificações e violência - sejam na forma de agir, de trabalhar, de sentir ou de pensar-se encontram naturalizados. Os procedimentos através dos quais se efetiva esse circuito não são visíveis enquanto que acompanhamos a construção de consensos por meio do qual o que foi produzido pela cultura é atribuído a natureza, isso faz com que ao mesmo tempo não haja registros da prática violenta que os torna possíveis. Segundo Segato (2013) um efeito colateral dessa biologização é que o processo é retirado da história e colocado na natureza. Ou seja, justamente a história que produz tais destinos é invisibilizada e "a manobra toda deshistorizada assim como foracluída na sua qualidade de "invenção" (SEGATO, 2013, p. 23).

Fica-se claro a insistência de Freud no trecho escolhido de que não se trata da percepção em si, o menino pode até ter visto que há uma vagina ou que o órgão do outro é diferente dele, mas como esse saber se estrutura e se organiza a partir das premissas de: exclusão, segregação e hierarquização das diferenças, ele acaba por "não poder **ver**", ele lê o que ele olha e não ele

[4] "há autores que retratam o masculinismo como uma forma particular de antifeminismo e como uma abordagem que se concentra na superioridade masculina, na exclusão de mulheres[9] e na sua subjugação". (https://pt.wikipedia.org/wiki/Masculinismo)

olha e depois o lê, ele só enxerga através do que já foi nomeado e dito numa teia discursiva que se engendra nele. Lembremos Lacan (2009) "o que Freud revelou do funcionamento do inconsciente nada tem de biológico. Não tem o direito de ser chamado de sexualidade senão pelo que chamamos de **relação sexual**" (LACAN, 2009, p. 29, grifo meu).

Não à toa a psicanálise surge do deslocamento do olhar para a fala na constituição do procedimento analítico, o divã é uma proposta que permanece como sendo uma espécie de ato do fundador da psicanálise à respeito disso. Para a psicanálise "não há nenhuma realidade pré-discursiva, cada realidade se funda e se define por um discurso (LACAN, 2010, p.98)". Como diz Dias o "o pior cego é aquele que não quer escutar (DIAS, 2021)". Há aí uma importante consideração a cegueira vem da condição de não querer ser afetado pela linguagem, por aquilo que chega do Outro? Passemos ao indizível e ao invisível da linguagem.

O (IN)(DI)VISÍVEL E O VÉU

Lacan (1992) nos esclarece que "A relação inominada, porque inominável, porque indizível do sujeito com o significante puro do desejo se projeta sobre o órgão localizável, preciso, sociável em alguma parte no conjunto do edifício corporal" (LACAN, 1992, p. 242). Ele diz que o fato de o menino ver a si mesmo como privado ou não privado desse apêndice é algo propriamente imaginário. O que sustentaria então essa ordem simbólica que é tratada imaginariamente dessa forma? "É em torno deste ponto imaginário que se elaboram os efeitos sintomáticos do complexo de castração". (LACAN, 1992, p. 242)

Assim, veremos que ao relacionar a estrutura de buraco que induz a linguagem com algo da ficção anatomofisiologica, com aquela pequena diferença -nas palavras de Lacan- não é mais que cair no erro comum e deixar-se enganar pensando que esta diferença passa ao real através do órgão.

Desde o Seminário 2, Lacan reconhece o caráter inicialmente androcêntrico da ordem simbólica, ele diz "a ordem simbólica, em seu funcionamento inicial, é androcêntrica. É um fato" (LACAN, 2010, p. 328).

Corroborando com isso, Thomas Laqueur em seu livro (2001) "Inventando o sexo. Corpo e gênero desde gregos até Freud" " aponta que a ideia de que as categorias de masculino e feminino não foram sempre claramente definidas e fixas ao longo da história, mas sim sujeitas a interpretações culturais e mudanças ao longo do tempo. Ele traça nesse livro a passagem do

sexo único, a vagina da mulher era pensada como sendo um pênis interno, para a oposição de dois sexos.

Ele testemunha que a ciência não tem um discurso neutro ou fático, que aquilo que se diz, inclusive do que supostamente seria a natureza, diz respeito a um contexto e a uma época podendo também carregar preconceitos e ideologias. Ele diz "quase todos os sinais de diferença dependem de uma teoria subjacente, ou contexto, que decide o que conta e o que não conta como evidência" (LAQUEUR, 2001, p. 32).

Ao evidenciar a lógica do modelo do sexo único nos séculos anteriores tanto quanto o dos dois sexos, -opostos e/ou complementares- ele revela como essas produções culturais destacam diferenças biológicas para sustentar a hierarquização dos gêneros. A abordagem freudiana se insere nesse contexto histórico e epistêmico, perpetuando um dimorfismo consagrado pela psiquiatria do século XIX. LAQUEUR diz que "Freud é um produto do biologicismo do século XIX, que postula dois sexos com órgãos e fisiologia distintos, e de um evolucionismo que garante a adaptação das partes genitais a relação heterossexual" (LAQUEUR, 2001, p. 288). No entanto, ele segue dizendo que o pai da psicanálise justamente refutou as antigas categorias de homem e mulher e estabeleceu novas categorias.

Dessa forma, Laqueur chega à conclusão de que a existência de dois sexos não é uma consequência necessária e natural da diferença corporal, tampouco a existência de um único sexo. As concepções passadas sobre a diferença sexual eram grandemente desconectadas do conhecimento real sobre partes específicas da anatomia ou processos fisiológicos, elas na verdade, eram moldadas pelas demandas retóricas do momento. Ele diz que quando Freud trata em sua obra da diferença sexual, essa "deve ser vista como uma narrativa de cultura disfarçada em anatomia" (LAQUEUR, 2001, p. 281).

Podemos ver como Laqueur articula algo que se aproximaria de uma certa leitura compartilhada com Lacan "não imaginem que sou dos que opõem a cultura à natureza, até porque a natureza é, precisamente, um fruto da cultura" (LACAN, 2011, p. 35). Podemos acompanhar então como aquilo que articulamos nos dias de hoje como a relação sexual ou como a relação entre os sexos ou como o que é o *ser* da mulher e do homem são construções muito diferentes ao longo do tempo.

No entanto, isso produz efeitos como já apontei. O imaginário social organiza uma ordem do que é esperado de cada sexo, instituindo convenções do que vem a ser o feminino e masculino. Mesmo imaginárias, há aí uma potência que consolida não só práticas públicas como

também privadas de indivíduos concretos. Isso constitui processos subjetivos e processos materiais de uma sociedade.

Em uma passagem do texto: Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1998) Lacan faz 3 colocações preciosas para avançarmos neste tema. Ele nos adverte que:

- "(...) as imagens e símbolos **na** mulher não podem ser isolados das imagens e símbolos **da** mulher" (LACAN, 1998, p. 737).
- "(...) o masoquismo da mulher é uma fantasia do desejo do homem?" (LACAN, 1998, p. 740)
- "(…) o analista está tão exposto quanto a qualquer outro a um **preconceito relativo ao sexo**, a despeito do que lhe revela o inconsciente". (LACAN, 1998, p. 740).

Vou me deter nessas advertências feitas por Lacan, tentando articular que a relação[5] entre os sexos, diz respeito na verdade, a relação com o impasse sexual de cada sujeito. Ou seja, é justamente pela impossibilidade apontada pela ideia da não correspondência da relação sexual que tendemos a produzir sentidos sobre os sexos e nos equivocarmos de que isso trata-se das relações entre eles e não sobre o que supomos, inventamos e criamos sobre eles. Ou seja, a *não relação* não diz respeito a feminino e masculino não admitirem a relação sexual ou o coito sexual, mas que as ideias e os conceitos de masculino e feminino não são correspondentes e proporcionais um ao outro. Escolhi esse conceito dentre os vários de Lacan, pois é uma leitura que permite, por parte do Lacan, um esvaziamento do objeto. O conceito da "não proporção sexual" demonstra que "o objeto é um fracassado, é da essência do objeto o malogro (LACAN, 2010, p. 132)".

As impossibilidades criam possibilidades, e é pela inexistência de uma correspondência rígida entre os sexos que surgem criações e inovações nas possibilidades dessa não correspondência, dessa não proporção. Podemos apenas aludir a essa relação e moldar sua aparência, criando o semblante do que é denominado como homem ou mulher. Conforme Zupancic não podemos conceber o oposto da "não relação" como "relação". Ela sugere que esse

[5] Lacan usa a expressão "rapport sexuel" em seus seminários. Há um debate quanto a tradução desse termo, frequentemente ela tem sido traduzida por "não há relação sexual" ou "a relação sexual não existe". Mas há também a possibilidade de traduções como "não há correspondência sexual" ou "não há proporção sexual", essas duas últimas acentuando uma dimensão matemática do que está em jogo nessa frase de Lacan. "O termo 'rapport', em matemática é, contudo, específico para indicar "razão, fração, quociente de duas grandezas da mesma espécie" . É nesse sentido que, embora haja 'relações sexuais', não há 'rapport' entre os dois sexos. Cf. Dicionário Le Petit Robert. (N.T.) (nota de rodapé, LACAN, 2010, p. 18)". No meu texto escolhi usar as três possibilidades como tradução.

termo carrega "a (i)lógica inerente, um antagonismo fundamental, das relações possíveis e existentes (ZUPANCIC, 2023, p. 44)".

Na observação de Freud sobre quem *seria* a mulher para o homem em dada epóca podemos encontrar elucidado vários rastros e sequelas históricas de muitos saberes e interpretações sobre esses corpos que se essencializaram ao longo do tempo. No seminário 7, Lacan diz que o amor cortês é relevante para entendermos a sublimação do objeto feminino. O amor cortês desempenhou um papel decisivo, já que ele foi veiculado por toda uma literatura e um conjunto de imagens, moldando assim as bases em que vivemos nossas relações com a mulher. Isso permanece como "rastros no inconsciente (LACAN, 2008, p. 137)".

Assim como o amor cortês deixou rastros no inconsciente, o modelo do sexo único e do dualismo biológico e científico também. Freud soube escutar esses ditos, sem ficar amarrado a eles. Ou então "(...) mostrar o que dessa construção **restou a título de sequela na relação com o objeto feminino**, com o aspecto problemático no qual ele se apresenta para nós ainda atualmente". (LACAN, 2008, p. 154, **grifo meu**).

Colette Soler no texto "A mulher, masoquista?", faz uma pertinente e precisa articulação a respeito do que se entende como sendo a mulher em alguns textos de Freud. Com a ajuda de Lacan, ela demonstra como Freud se equivocou quanto ao que na verdade era uma "das versões do objeto complementar do desejo masculino" (SOLER, 2005, p. 59) e não propriamente a mulher. É dessa forma que pretendo ler a citação acima de Freud, ali onde se lê a mulher, na verdade se trata de "uma das versões do objeto complementar masculino" (SOLER, 2005, p.60), lembrando que, na verdade e inclusive, desde Lacan sabemos que esse objeto é o objeto pequeno a. Soler pretende nesse texto então, descartar qualquer tese que essencializa o que vem a ser a mulher. Sabemos que há uma insistência de Freud em conceber o masoquismo feminino como uma expressão do ser da mulher abordado no texto: O problema econômico do masoquismo, (FREUD, 2011, p. 184). Por mais que em seus últimos textos ele tente tomar outro rumo, a pregnância dessa hipótese deixou marcas, restos e sequelas que sentimos até hoje na psicanálise. Mas lembremos, Freud também estava observando, testemunhando e descrevendo a sociedade onde vivia, era atravessado também por máximas consideradas consensos e nem por isso deve deixar de ser criticado por isso. Porém, sabemos justamente que essa tese de que "as mulheres gostam de sofrer" antecede em muito o próprio Freud; essa já vem sendo há muito tempo uma hipótese legitimada socialmente. Novamente vou repetir aqui a advertência de Lacan "E de reconhecer, ao mesmo tempo, que o analista está tão exposto quanto a qualquer outro a um **preconceito relativo ao sexo**, a despeito do que lhe

revela o inconsciente". (LACAN, 1998, p. 740, **grifo meu**)". Entendo que a pergunta de Lacan e as articulações sobre "o masoquismo feminino" apresentadas pela Colete Soler não é de que não há masoquismo em mulheres ou que não possa haver mulheres masoquistas, mas que o masoquismo comumente atribuído as mulheres não é uma condição essencial delas.

Afinal, quantos de nós já não experienciamos falas desse tipo no meio psicanalítico? A repetição de tais consensos justificados pela teoria não seriam uma forma de legitimar uma opressão? Sabemos que a teoria psicanalítica pode ser usada para legitimar discursos hegemônicos, mas não deixa de chamar a atenção como a instrumentalização de um saber, que se pretende subversivo, possa ser usado com a pretensão de informar o que seria A mulher Ideal ou o Homem Ideal. Não foi aí justamente que começou o projeto de releitura de Lacan? Do esvaziamento do Eu ideal a falta-a-ser? Do ideal do desenvolvimento cronológico genital ao tempo lógico e ao corte? Não à toa parece haver um fracasso na transmissão da psicanálise nesse ponto e não acho que o projeto lacaniano esteja ileso disso se repetir. Diversas vezes Lacan nos advertiu disso. Como nesse frase "(o analista) está obrigatoriamente, como todo mundo, em dificuldade com seu inconsciente. E que é isto que faz a função, a característica manca da relação analítica (LACAN, 2008, p. 439)".

É raro nos fazermos a pergunta inversa, por que e como houve esse consenso de que as mulheres gostam de sofrer e quais as consequências disso nas relações? Como isso foi e é naturalizado? Ou por exemplo, poderíamos nos perguntar: será que há uma fixação em acreditar que as mulheres gostam de sofrer? Hipótese essa que vai de encontro com as articulações freudianas acima que dizem pobre criatura essa; foi punida; sempre fazendo algo errado; se ela não tem o que eu tenho é porque ela está pagando por algum pecado que cometeu. A associação entre mulher e o pecado original remonta há alguns milênios. Não são inúmeros os textos bíblicos reafirmando isso? Vejamos como o homem precede a mulher no Gênesis, tal afirmação bíblica serve ainda hoje para justificar os patriarcados machistas e religiosos que conhecemos.

> GÊN. 2-18. E disse o senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele.
>
> GÊN. 22. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e troxe-a a Adão.
>
> GÊN. 23. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne, esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada
>
> GÊN. 3-16. À mulher, ele declarou: "multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com o sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ela a dominará (BIBLIA, 2023).

Trata-se aqui muito mais de sustentar uma cena psíquica onde "o homem, que é sujeito de desejo" (SOLER, 2005, p. 59) e a mulher, que corresponderia ao objeto fantasiado do homem, seria o objeto de desejo. Lógica complementar, uma das versões do par sexual. Uma das versões, frequentemente tida como a única, para dar conta da não proporção sexual. Segundo Soler "Na verdade, portanto, o masoquismo é invocado aqui como uma suplência da relação sexual que não existe, segundo a formulação posterior de Lacan. Trata-se de "uma metáfora (SOLER, 2005, p. 59)".

> O homem - pois se pode falar do homem, precedido pelo o - é necessário que se contente em sonhar com isso porque é absolutamente certo que, não só não satisfaz toda mulher, senão que (...) A mulher não existe. Há mulheres, mas A mulher é um sonho do homem (LACAN, Genebra, p.12)

Zizek fala sobre a questão do véu para os muçulmanos e afirma "e se o verdadeiro escândalo que o véu tenta encobrir não for o corpo feminino por trás dele, mas a inexistência do feminino?" (ZIZEK, 2023). Assim, segundo ele, a mulher comportaria uma ameaça não porque não tem, mas sim porque ela representa a "indecibilidade da verdade". O véu encobriria, então, não o corpo da mulher que é tabu e pecaminoso, mas sim a inexistência da verdade. O véu mantém o engano imaginário entre a verdade e o corpo da mulher. Segundo Lacan "Sobre o véu, pinta-se a ausência (...) A cortina assume seu valor, seu ser e sua consistência justamente por ser aquilo sobre o que se projeta e se imagina a ausência. A cortina é, se podemos dizê-lo, o ídolo da ausência. (LACAN, 1995, p. 157)".

Assim é possível que a mulher encarne tanto esse corpo ao qual alguns sujeitos buscam a verdade absoluta, tanto quanto, esse corpo pode provocar e causar algo em alguns homens que acabe por denunciar sua incompletude e sua divisão. Há um efeito nesse encontro que é possível que a figura dela provoque, por encarnar esse objeto a, para o homem. Se isso é possível é porque ela vale para o homem como uma espécie de metáfora do Outro, sendo assim não-toda, descompleta, fal(h)ada. "A mulher é aquilo de que o homem nunca sabe desembaraçar-se" (LACAN, 2023, Genebra, p. 20).

Um recorte sobre o caso Ângela Diniz

Ângela Diniz foi assassinada em 30 de dezembro de 1976 por Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como Doca, em uma praia em Búzios, Rio de Janeiro. O crime teve grande repercussão no Brasil, mas surpreendentemente, não pelos motivos que se poderia esperar de um crime mas pelo fato de que durante todo o julgamento, a opinião pública esteve do lado do assassino.

Ângela era de uma família rica e tinha uma série de privilégios sociais, ela era uma mulher que fugia dos papéis sociais instituídos como norma padrão e isso corroborou com uma perspectiva misógina sobre seu assassinato, ao justificá-lo como punição merecida por sua conduta.

Como é relatado no podcast "Praia do Ossos", Doca passa de assassino para vítima de uma mulher manipuladora e selvagem. Muito se fala sobre a vida pessoal da verdadeira vítima, pontuando que suas próprias escolhas levaram a sua morte, como se esta pudesse ser justificada pela forma como decidiu viver. A exigência de um padrão comportamental, de uma identidade, de um enquadramento ao "ser mulher" evidenciada pelos autores da reportagem ao dizerem que Ângela se afastava cada vez mais do papel de mulher da sociedade, evidencia o controle exercido sobre as mulheres, e principalmente como estas eram julgadas por não performarem o papel esperado.

A atitude de Doca era lida hegemonicamente pelos meios de comunicação como compreensível e aceitável, dada a situação provocada pela própria vítima. O que o assassino poderia fazer, se não matar a própria parceira? Terminar o relacionamento não era uma opção, visto que Ângela tinha a obrigação de se adequar às exigências impostas pelo machismo no sistema patriarcal. Ângela permaneceu sendo condenada e julgada pela justiça, sociedade e mídia mesmo após sua morte. Mídias e repórteres importantes do Brasil diziam "Ângela era uma mulher anormal? Empurrou a vítima para o crime?". Branca Vianna (locutora do podcast) comenta "[...] queria só chamar a atenção para a palavra vítima aqui. Estamos falando de um assassinato, né, de que a Ângela Diniz foi a vítima. Mas nessa versão, parece que a Ângela teria empurrado o Doca para fazer o que ele fez. E aí, a vítima seria ele". (PRAIA DOS OSSOS, 2020).

Reitera-se no podcast que durante os primeiros anos nos quais a história se passa, era a mesma história que aparece nas palavras do delegado sobre o caso: "o Doca era um apaixonado que perdeu a cabeça num momento de desespero e fez, do nada, algo totalmente fora do perfil dele. É o que chamam de crime passional." (PRAIA DOS OSSOS, 2020). Esse homem era

retratado como sendo uma vítima do desejo indomável de uma mulher, Ângela Diniz, e não de sua própria paixão.

Mesmo não existindo formalmente no código penal, a vítima foi julgada e condenada pelo crime de não desempenhar o papel esperado de uma mulher na sociedade. Por mais que os homens possuíssem suas amantes fora do casamento, eles não eram malvistos, nem sequer julgados pelas suas ações e escolhas. Esses homens nunca foram desacreditados, ao contrário de Ângela Diniz. É como se dissessem "Fica a lição, a mulher será punida quando comer o fruto proibido ou quando não se comportar como deveria se comportar no Éden". A mulher, Eva, sempre culpada pelo desejo de saber. Segundo Fernandez A mulher é uma ilusão, mas é uma ilusão que tem uma tal força que produz realidade "é mais real que as mulheres" (FERNANDÉZ, 1994, p. 22).

Na mesma época, Carlos Drummond de Andrade disse: "Aquela moça continua sendo assassinada todos os dias, de todas as maneiras, e por muita gente" (APUD VIANNA E THOMSON-DEVEAUX, 2020) . O poeta enuncia, em poucas palavras, a definição do conceito já abordado neste trabalho. Muitas mulheres morriam e morrem, muitos desejos também conforme transcorria se divulgava o julgamento, culpando a vítima que havia sido morta.

A chamada legítima defesa da honra se tornou popular a partir do julgamento, em 1979, de Doca Street. A tese da defesa de Street passou a ser muito usada em situações semelhantes pelo país e considerada como inconstitucional somente no ano de 2023 (REZENDE e RIBEIRO, 2023). Porém, por muito tempo - ainda que tal tese já não seja considerada válida pela Justiça - é comum que a defesa do acusado de feminicídio procure levar o tribunal do júri a desconsiderar a vítima tornando-a vilã, maldizendo seu comportamento, e utilizando o argumento da violenta emoção para diminuir a pena do assassino. Tais argumentos buscam justificar a violência contra a mulher, inclusive o feminicídio, como atos relacionados à defesa de valores morais subjetivos.

> Sempre bem-aceita porque o júri, composto de cidadãos comuns que desconhecem as leis e refletem os humores da sociedade em que vivem, costumava concordar que a honra de um homem depende do comportamento da companheira. E como a honra é importante para os homens, eles teriam o direito de matar em nome dela (VIANNA E THOMSON-DEVEAUX, 2020) .

Em um livro sobre crimes de honra, a antropóloga Wikan define o homicídio de honra como "um homicídio perpetrado com o objetivo de restabelecer a honra, não apenas por uma única pessoa, mas por uma coletividade. Isso pressupõe a aprovação de um público incentivador, preparado para recompensar o assassinato com a honra." (WIKAN, 2010, p.101).

O feminismo há muito que salienta que a idealização dos corpos das mulheres pode ser uma forma velada de ódio, sempre pronta a espezinhar quem cai ou falha. No caso da honra, a discórdia é gritante. O dever da mulher é tornar não apenas a casa, mas o mundo "reluzentemente limpo", como se já lhe pedissem para remover a mancha da sua própria desonra futura. Segundo Rose "Ou como se lhe pedissem que lavasse, antes do acontecimento, o sangue do crime de que um dia será vítima" (ROSE, 2022). Indo na mesma direção, o psicanalista Hassoun sustenta que aquele que está dominado pelo sentimento do ódio carrega o fardo da necessidade de purificar o mundo de tudo aquilo que considera sujo e que é uma afronta à sua pessoa. Quem está submerso no ódio se apresenta como portador do bem, do puro. E ele acrescenta "O ódio não poderia tolerar que o lixo degradasse a paisagem: de tal forma que será eliminado, para que o império da limpeza, do contraste, do preto e do branco reine para sempre" (HASSOUN, 1999, p. 28).

Como bem demonstra o caso da Ângela Diniz, Doca está tomado pela paixão, ele passa de uma demanda de amor, onde Ângela ocupa o lugar de objeto de desejo para em seguida ela ocupar o lugar do seu objeto de ódio, Hassoun diria "obscuro objeto do ódio (1999)". É porque nessa obscuridade permanece a opacidade que esse objeto comporta. A teoria lacaniana pensada topologicamente poderia nos fornecer uma leitura interessante. O que acontece aí não seria da ordem de pares de opostos (amor e ódio), mas sim de uma topologia moebiana. A paixão seria uma banda que contém uma única face e que a partir de uma torção permite passar do amor para o ódio e vice-versa.[6] Hassoun diz "Em efeito, no ódio, a demanda- que é sempre uma demanda de amor- e o fantasma- que envolve o sujeito em sua relação com o objeto de seu desejo – parecem se confundir. Essa confusão assinala uma destituição, uma destruição da linguagem, agora posta a serviço do ódio (HASSOUN, 1999, p. 32)".Hipótese interessante de Hassoun, mas no que diz respeito a esse exemplo da Ângela Diniz, a partir das articulações já desenvolvidas, não seria pertinente pensar uma confusão entre o A (sem barra) e o Ⱥ, que ao se achatar as duas cadeias do grafo do desejo (com uma torção em seu meio) que poderia levar ao assassinato? Sendo a paixão a suspensão da barra, no caso de Ângela poderíamos pensar que quando aparece a barra algo se torce? Ou seja, não à toa as situações de feminicídio sempre são acompanhadas por uma cena de ciúmes. Ali onde a mulher aparece como desejante, como barrada, o parceiro a apaga e a destrói. É ali onde ele tenta apagar a existência de uma mulher barrada que ele demonstra que ele está tomado pela idéia de ela só poder existir como A mulher

[6] Segundo Lacan "o amor-ódio é aquele do qual um psicanalista (...) só reconhece, com justa razão, a ambivalência, isto é, a face única da banda de Moebius (LACAN, 2003, p.477)". Há também uma outra passagem sobre isso no seu seminário 20, quando ele diz do "hainamoration (LACAN, 2010, p. 183)". Traduzido como *enamoração*.

(sem barra). Segundo Dias "no ódio trata-se de uma suspensão provisória da barra que separa o significante do significado (DIAS, 2012, p. 52).

No caso da Ângela Diniz é possível notar que há uma passagem da mulher idealizada para a mulher odiada, pensando que a depreciação, a degradação e a idealização da mulher também são faces de uma mesma banda moebiana e passam de uma à outra. São duas formas de lidar com o Outro barrado (Ⱥ) que se alternam e passam de um a outro, são faces supostamente opostas, mas na verdade pertencem a uma só banda. É nesse sentido que a idealização feminina, qualquer que seja ela, sempre cumpre uma certa sentença de morte para as mulheres. Por isso, sustento que A mulher como construção imaginária, nesse caso, é sintoma e fantasma masculino.

Joana Souza, outra autora que aborda essa questão da violência da mulher em seu doutorado tem uma hipótese interessante para a irrupção dessas violências "contra o feminino na mulher" (SOUZA, 2020). Ela propõe pensar tais atos como "uma devastação no masculino" (SOUZA, 2020, p. 166), ou seja, a queda do lado feminino. Tal condição seria vivida como uma invasão, na qual o sujeito experimenta a despossessão de si. Segundo ela, pode haver aí uma emergência da angústia extrema, da qual é capaz de provocar a queda das identificações simbólico-imaginárias que estruturam o narcisismo do sujeito. Isso poderia ocasionar uma perda momentânea da realidade. Ela propõe pensar essa devastação "como angústia de aniquilamento" (SOUZA, 2020, p. 166) e não como angústia de castração. A fantasia torna-se inoperante já que há o que ela chama de uma "invasão do real no imaginário" (SOUZA, 2020, p. 166). Desta forma, perde-se a possibilidade da fazer alguma mediação com o Outro, pois esse é "vivido como Absoluto, que o subjuga e o torna passivo, emasculado diante de um gozo avassalador". Esse quadro, segundo ela, pode comparecer em experiências amorosas.

(Ma)lograr: entre Um e Outro

Se insisto nesse trabalho em me afastar de uma lógica biologizante ou essencialista é porque entendo que isso fez parte do projeto de releitura que Lacan fez sobre a leitura que fizeram de Freud. Não só a questão da mulher ficou impregnada por esses preconceitos como também a problemática do ódio e da violência.

Vejamos o que Lacan em um dos seus primeiros textos de 1938, Complexos familiares, vai dizer a respeito dessa questão:

> Mas é especialmente na situação fraterna primitiva que a agressividade se demonstra secundária à identificação. A doutrina freudiana permanece incerta nesse ponto: a ideia darwiniana de que a luta está na própria origem da vida conserva, com efeito, grande credibilidade junto ao biólogo, mas, sem dúvida, convém reconhecer aí o prestígio menos criticado de uma ênfase moralizante, que se transmite em lugares-comuns do tipo homo homini lupus (LACAN, 2003, p. 45)

Segundo GORI, a concepção freudiana do ódio difere da lacaniana. A primeira pensa o ódio primordial com a "função de fazer advir uma realidade externa, uma alteridade (GORI, 2004, p. 116). Já a lacaniana o ódio do ser "se situa a alteridade no centro do psiquismo, como consubstancial estruturante e constitutiva à linguagem e a fala" (GORI, 2004, p. 116)". Segundo o autor, o que constitui o verdadeiro objeto de ódio é essa parte do ser que torna-se impossível de ser apropriada pelo sujeito falante. Assim o neologismo "extimidade (p. 169, 2008)" introduzido por Lacan no Seminário 7 articula que o que nos é íntimo encontramos do lado de fora, no externo. O mais íntimo podemos reconhecer nesse outro, justamente no que é exterior ao eu. Citando a frase de Rimbaud diversas vezes repetida por Lacan "Eu é um outro". No ódio é possível passar a reconhecer nesse outro que odeio algo íntimo meu.

O discurso hegemônico pretende trabalhar com sentidos totalizantes, pois essa é a premissa da uniformidade e do universal. Há, no entanto, um paradoxo aí pois se bem nos transformamos em sujeitos por meio de objetivações ao mesmo tempo para nos subjetivarmos nos separamos delas. Assim a direção de uma análise visa esvaziar sentidos que são naturalizados para alguém e que o fazem sofrer produzindo impotência diante daquilo que "é assim porque é" ou "não é assim e deveria ser".

Mas porque toda essa volta para retomarmos a questão do ódio? Porque a psicanálise mobiliza tantos conceitos relacionados a falta, a falha, ao buraco e a fissura? Porque afirmar que o ser só se sustenta por se malograr? Será que a tendência a essa mesmidade citada por Fernandez ou esse movimento do Um, que é único, é uma forma de lidar com essa fissura, esse buraco, esse malogro? Segundo Santos:

> Será sempre a partir de uma exclusão, uma subtração, que tudo se ordena. A subtração que supostamente desfalca o todo é a falha impeditiva para qualquer todo, a partir dela, tenha uma consistência absoluta. A norma pode ser instaurada apenas a partir da exclusão de um nível onde tudo vale (estabelecimento da exceção), pois valendo tudo, nada vale (SANTOS, 2016, p. 66)

Assim a pulsão humana refere-se a essa falta constitutiva e estruturante do falasser. Essa exclusão é necessária e constitutiva para compor um campo não todo e aquilo excluído torna-se a exceção. É nesse malogro, nessa incompletude e nessa impossibilidade de constituir o Um ou o Dois que "faz do ser, precisamente, algo que só se sustenta por se malograr (LACAN, 2010, p.276)"[7]. Ressaltando então que "a ordem significante começa não com Um (tampouco com uma multiplicidade), mas com um "menos um" (ZUPANCIC, 2023, p. 72*).*

Precisei voltar a isso para não perdermos de vista que há uma exclusão, que não é precisamente das mulheres, se bem que elas carregam e sentem os efeitos materiais e imateriais desse fato como sendo, assim como todas as minorias, tomadas como exceção a norma. O que nos interessa neste trabalho, é interrogar o porquê esse menos um, essa exclusão toma corpo nas mulheres? Assim, concordo com Zupancic quando ela afirma que a "questão da mulher" (ZUPANCIC, 2023, p.64) tem um potencial político explosivo. Pois essa questão tem a capacidade de inserir no debate temas tão caros à psicanálise como a divisão e a diferença.

Seria o que se especula, o que se supõe e o que se fantasia sobre o desejo da mulher um dos lugares de "causa exterior" que o ódio tenta eliminar? "Causa exterior" que denuncia a cisão própria do sujeito, o exterior informa o que há de mais íntimo, retomando aqui a noção de extimidade. Ali onde o homem supõe a existência de uma mulher ele passa a se perguntar "o que quer uma mulher?". Segundo Lacan "A sequela do que sou aparece sob a forma em que fica como pergunta" (LACAN, 1992, p. 239) e como a psicanálise sustenta, esse Outro se revela não no nível da pergunta formulada e dirigida através do "o que és?" mas sim da pergunta "o que queres?" (LACAN, 1992, p.139). É nessa interrogação, nessa pergunta que permanece como uma sequela que ela assume para o homem esse lugar de Ⱥ. É na tentativa de se (a)propriar desse desejo feminino que ele desloca sua questão: o verdadeiro objeto de ódio é "o vazio é o nome próprio do ser" (BADIOU apud Gori, 2006, p.1). Pensando ainda o ódio de forma topológica, o que há daquilo que suponho fora de mim que é meu? É a mulher como sendo "a que lhe falta algo" que revela a divisão, a própria divisão desse sujeito que não é idêntico a si mesmo? Será a mulher o objeto que encarna a falha para ele não se contar como o sujeito que falha? Importante considerar que como diz Lacan: "o objeto da psicanálise não é o homem; é aquilo que lhe falta — não uma falta absoluta, mas a falta de um objeto." (LACAN, 2003, p. 218).

[7] A palavra usada por Lacan em francês é "rater". Segundo os tradutores para a versão em português "rater significa: malograr, fracassar, não dar certo, não conseguir, falhar, perder (o trem, um filme ...) etc (LACAN, 2010, p. 131)".

Sendo assim, haveria uma fantasia em jogo aí, ela precisaria dele para não fal(h)ar. Ele estaria pronto a supor sua falha, seu equívoco, seu tropeço, seu erro, mas para poder corrigi-la? Essa tese iria de encontro com a ideia de Hassoun que o ódio parte de um lugar onde o sujeito porta a "tentativa de fazer o bem". As vezes a própria misoginia pode se ocultar aí, na tentativa de reparar a falha do Outro- Ⱥ mulher- tenta-se torná-la A mulher. O ódio seria essa detenção dialética, pois há a suspensão da barra, desta forma a interrogação e a pergunta não são próprias ao movimento de quem goza com o ódio. O ódio é a tentativa de apagar essa barra que nos divide. Segundo Dias o ódio é uma paixão que "mantém uma relação de suspensão provisória com a divisão, daí sua cegueira (2012, p. 34)"

Ao excluir as mulheres, ao tentar inferiorizá-las ou segregá-las o que está se atacando é justamente o paradoxo da não correspondência não só entre os sexos, mas entre sujeito e Outro, entre demanda e desejo, é a própria divisão que é atacada. Assim, as possibilidades de homens e mulheres se relacionarem informam sobre o malogro, não da relação **entre** eles necessariamente, mas da divisão, da Spaltung fundamental entre desejo e objeto

Serge André diz que "Esses dois termos, S(Ⱥ) e Um formam os dois polos entre os quais é impossível escrever uma relação, os dois pontos irremediavelmente distintos da significância que fundam a impossibilidade da relação sexual." (ANDRÉ, 1998, p. 237). Segundo ele o falasser está sempre em um conflito entre "o significante da divisão" e o da unidade, da identidade, da mesmidade ou de outra forma: entre a unidade e a alteridade. Segundo André é "o significante que cria o corpo ao mesmo tempo que o interdita" (ANDRÉ, ANO, p. 238).

Porque o ódio tentaria eliminar a questão sexual? Sexual no sentido da existência da diferença sexual? Pois a sexualidade é esse ponto de impossibilidade, da incompletude estrutural da linguagem, se o ódio visa ao *ser* é porque o que ele quer eliminar é isso. O que se visa no ódio é eliminar a condição simbólica que nos inscreve como seres falantes, é eliminar a diferença radical entre o eu e si mesmo e entre eu e o Outro. Mas não só, porque segundo Lacan "o discurso começa por haver aí uma hiância (LACAN, 2009, p. 101)" ou "o discurso está implicado na hiância (LACAN, 2009, p. 101). GORI diz "essa parte do ser que escapa à apropriação revela- se substancial a língua e constitui o real concebido como o ponto de impasse de qualquer formalização" (GORI, 2004, p. 112).

O que podemos apreender disso? Existe uma aproximação em Lacan da falha lógica com a falha sexual. Hegemonicamente tenta-se fazer do Homem e da Mulher uma dualidade, Ying/yang, os dois se complementam. Assim o sexo toca na lógica e a lógica toca no sexo, não há simetria, proporção e correspondência entre esses pares que se "supõem" opostos. É por esse

malogro, que define a relação sexual, que é possível pensar formas possíveis de amar, se encontrar, se desejar, caindo justamente a própria heteronormatividade. O que se busca no amor é uma forma de lidar com a hiância própria ao sujeito instalado na linguagem, o ódio também é uma forma de lidar. No entanto, se uma faz a tentativa de buscar uma suplência a outra busca uma destruição de seu buraco.

Lacan no Seminário 18 faz uma relação entre o "todas as mulheres" no mito de Totem e Tabu para dizer que "O que é designado pelo mito de todas as mulheres é que o "todas as mulheres", não existe. Não existe universal da mulher (LACAN, 2009, P. 64)". Seria o ódio então uma tentativa de fazer valer esse universal?

Concluindo

Concluir é sempre fazer um balanço do que foi escrito e articulado. Me encaminho para o final agora tentando apr(e)ender novamente o que tentei articular sobre a misoginia e/ou o ódio às mulheres. É inegável uma série de avanço de direitos conquistados pelas e para as mulheres. No entanto, tais avanços são acompanhados por uma série de paradoxos. Um exemplo disso é que durante a escrita dessa pesquisa houve a decisão pelo STF que a tese da legítima defesa da honra não pode mais ser usada para absolver acusados de feminicídio[8]. Ao mesmo tempo há dados que mostram que o feminicídio e o estupro aumentaram.

Se o ódio às mulheres tende a fazer o todo, tende a reconstituir sem cessar não um Outro senão o Um, entendemos o engano da concepção de "para todos os homens". Se evidencia aí numa suposta igualdade, porém quem não entra no "todos" perde a sua categoria de humanos. Será que a proposta lacaniana do não-todo poderia contribuir de forma que tal lógica poderia inserir a lógica da falta a ser? O ponto de indeterminação, o ponto de não captura, de não apreensão da lógica fálica poderia ser um meio de promover a possibilidade não de uma exclusão, mas de uma particularidade? O não todo não trabalha na lógica complementar ou opositiva, ela não seria a exclusão do todo, mas a possibilidade de não fazermos Um todo universal. O não todo revela o ponto de impasse de uma lógica que se pretende de todos, mas são só de alguns.

Uma mulher que não sabe qual é o lugar que se espera dela e que não se comporta dentro dessa norma, desses valores e desse padrão vira uma ameaça para as aparências de uma relação.

[8] Reportagem de MOURA, Feminicídio em alta no Brasil in Folha de São Paulo, 2023.

Podemos supor que as sociedades mais opressoras sempre foram aquelas que constroem declarações ou proposições que são consideradas verdadeiras, inquestionáveis e indiscutíveis que declaram (reforçam) a existência da relação sexual: "uma relação 'harmoniosa' pressupõe uma definição exata das essências (envolvidas nessa relação) a dos papéis que pertencem a cada uma" (ZUPANCIC, 2023, p. 46). Quando uma mulher deixa de ser aquilo que ela deveria ser, ela rompe com a ideia dessa relação idealizada e ao mesmo tempo imperativa de existir. Por que insistir tanto na ideia de existência? Porque o que marca uma diferença entre situações de agressividade e situações do gozo do ódio e destruição é justamente que a primeira tem a ver com a ruptura de imagem narcísica e a segunda, conforma articulado por Lacan em várias passagens, teria a ver com a ex-istência. Essa hipótese mereceria algumas articulações que pretendo fazer em outro texto.

Algumas farsas ocupam papel importante na justificação da violência, uma delas é que as mulheres seriam as culpadas pela violência sexual que sofrem sistematicamente. Aqui, o problema seria que elas estão onde não deveriam estar, se vestiriam como não deveriam, isto é, se comportariam como se fossem livres. Espero que essa farsa tenha sido demonstrada no caso da Ângela Diniz, onde não somente ela, mas todas as mulheres são responsabilizadas por formas estruturais de opressão que limitam suas possibilidades e as vitimizam. Não é um ato criminoso somente para os envolvidos, mas também uma espécie de aviso que funciona como coerção para as mulheres que se atrevem a sair de uma norma que tenta lidar com o fato de "a relação sexual não existir".

O grande impasse é que tais atos de fala repetidos de forma insistente acabam por produzir pensamentos desse tipo, ditos que mulheres gostam de sofrer podem ter como efeito situações onde as próprias mulheres acreditem nisso. Isso pensa em nós. O que se diz sobre a mulher, a respeito delas faz *ser* nelas. O fato de haver o que se diz delas não é indissociável de como elas *pensam* que são. Afinal trabalhamos com a dimensão "o discurso é o discurso do Outro". Outro aqui tomado como a "mansão do dito (LACAN, 2010, p. 77)"[9]

A naturalização dessas violências e a forma como elas são justificadas e relatadas têm incidências e impactos em como as mulheres se pensam, se contam. Assim entendo a frase de Lacan "É oportuno lembrar que as imagens e símbolos **na** mulher não podem ser isolados das

[9] No seminário 20 Lacan diz em francês a palavra dit-mension (LACAN, 2010, p. 77) para falar do Outro. São muitos os possíveis sentidos para essa tradução: "mansão do dito, dimensão do dito, menção do dito, residência do dito (p.77)".

imagens e símbolos **da** mulher" (LACAN, 1998, p. 737, **grifo meu**)". Então, ao denunciar a coerção original das imagens e símbolos que uma cultura exerce sobre as mulheres, estamos também tentando desacorrentar nelas, esse lugar de coerção. Ou seja, o tema de uma suposta identidade feminina ou essência da mulher nada mais é do que a sustentar a diferença ontológica entre homens e mulheres, segundo Zupancic "a política (emancipatória) começa com a "perda da identidade" (ZUPANCIC, 2023, p. 63).

Por isso, a impossibilidade da relação sexual pode criar novas possibilidades e criações, segundo Lacan é no "pas possible"[10](LACAN, 2003, p. 180).). "A ausência da relação sexual é manifestamente o que não impede, bem longe disso, a ligação, mas o que lhe dá suas condições (LACAN, 2011, P.19)".

Sabemos enquanto psicanalistas que sempre há um ponto de originalidade em que advém nos sujeitos formas pontuais de expressarem a resistência e a submissão, é através dos sintomas que isso é encarnado. Fazer os sintomas falarem e dar dignidade a um sofrimento que tentou uma solução possível, mas sempre manca para lidar com um certo impasse, é o que fazemos dia a dia.

A essencialização ou a objetificação do ser humano denega esses processos singulares, tais como rebeldias, mal estares, desconfortos e tentam encontrar numa fórmula universal e para Todos uma solução. Assim a lógica misógina, sustentada no ódio ao Outro, parte da lógica da identidade fazendo com que os particulares sejam convertidos em uma só unidade ou em um universal e isso só possível através de diversos modos de violências simbólicas.

Termino como uma importante citação de Hassoun para identificarmos o que está em jogo nos dias atuais, abrindo assim, uma possível articulação para uma próxima pesquisa:

> Se a revolução está completamente ausente, não por falta de combatentes, mas porque se torna insignificante, ou seja, impensável ou impossível, se o próprio termo "revolução" está envolvido com a mentira ou traição, então o ódio toma seu lugar como expressão da ausência de desejo (HASSOUN, 1999, p.25)

[10] O que o sujeito busca é esse real enquanto justamente NÃO POSSÍVEL (pas possible) ; é a exceção, e esse real existe, obviamente. O que se pode dizer é que só há, justamente, o não possível/passo possível (pas possible) na origem de toda enunciação. (LACAN, 2003 p.180)

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

CASSIN, B. Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise. Autêntica. Belo Horizonte. 2017,

CIXOUS, H. O riso da medusa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DIAS, Mauro. Mendes. O pior cego é aquele que não quer escutar: relações entre olhar e voz em psicanálise in Corpo/organoização Daniela Teperman, Thais Garrafa, Vera Iaconneli. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

DIAS, Mauro Mendes. Os ódios: clínica e política do psicanalista, seminário. São Paulo: Iluminuras, 2012.

FERNÁNDEZ, M. A. La mujer de la ilusión. Argentina. Paidós, 1994.

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Ed. Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. Tabu da virgindade in Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo in Obras completas, volume 16: O eu e o Id, "autobiografia" e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GÊNESIS 3. Bíblia sagrada online. 2023. Disponível em: http://www.bibliaonline.com.br. acesso em: 15 dez. 2023.

GORI, Roland. **A lógica das paixões**. Tradução de Inesita Barcellos Machado. Revisão de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

GORI, Roland in revista psicologia clinica. Rio de Janeiro, vol.18, n.2. p. 125-142, 2006.

HASSOUN, Jacques. **El oscuro objeto del ódio**. Buenos Aires: Catálogos, 1999.

LACAN, Jacques. Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. (1948). **Escritos - A agressividade em psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Os outros escritos. Zahar. Rio de Janeiro. 2003.

LACAN, Jacques. (1953-1954). O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud,. Zahar, Rio de Janeiro, 1996.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Zahar. Rio de Janeiro, 2010.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 4: a relação de objeto. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1995.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 7 (1959-1960). Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2008

LACAN, Jacques. (1960-1961). Seminário livro 8: a transferência. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 1992.

LACAN, Jacques. (1961-1962). **A Identificação**: seminário. Tradução de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2003.

LACAN, Jacques. Seminário 14: A lógica do fantasma. Publicação não comercial exclusiva para os membros do centro de estudos freudianos do recife. Recife, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário 18**: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. O seminário, 19: ou Pior. Zahar. Rio de Janeiro, 2011.

LACAN, Jacques. (1972-1973). **Encore.** Tradução livre. Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro, 2010.

LACAN, Jacques. Os outros escritos. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2003, p. 218.

LACAN, Jacques. Conferência de Genebra sobre Sistema. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/188296911/Conferencia-de-Genebra-Sobre-Sintoma-Lacan, acesso: 28/11/2023

LAQUEUR, T, W. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MOURA, Joana. Feminídios em alta no Brasil in jornal Folha de São Paulo, 2023, https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/11/feminicidio-eJm-alta-afasta-brasil-de-igualdade-de-genero.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa) - acessado pela ultima vez em 9/12/2023

REZENDE, C. e RIBEIRO, T. STF decide que tese da legítima defesa da honra é inconstitucional in Folha de São Paulo 2023. https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/stf-decide-que-tese-da-legitima-defesa-da-honra-e-inconstitucional.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa – acessado pela última vez em 09/12/2023

ROSE, Jacqueline. Sobre a violência e sobre a violência contra as mulheres. São Paulo: Fósforo, 2022.

RUBIN.G. Políticas do sexo. São Paulo: Ubu editora, 2017.

SANTOS, C. M. Passos em volta do Seminário A identificação: a lógica da constituição do sujeito e a abertura ao campo do (im)possível. Tese de doutorado. Brasília 2016.

SEGATO, R. La crítica de colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda. Ciudad autónoma de Buenos Aires. Prometeo Libros, 2013.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.**

SOUZA Dark da Silva Santos. Contribuição psicanalítica à memória da violência contra o feminino na mulher -tese do doutorado. Rio de Janeiro 2020

VIANNA, B e THOMSON-DEVEAUX F. Ilegitíma defesa da honra. Revista Piauí, 2020.

WIKAN, U. Em honra de Fadime: Assassinato e Humilhação. São Paulo: Editora Unifesp, 2010.

ZUPANCIC, A. O que é sexo? Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ZIZEK,S. https://pt.everand.com/read/405786669/O-sofrimento-de-Deus-Inversoes-do-Apocalipse# search-menu_642159, acesso: 3/12/2023.

RADIO Novelo. Podcast Praia dos ossos. Acesso: 03 /12/2023.